

## **CARTA: FÉ E SI MESMO – UMA APROXIMAÇÃO AO §64 DE SER E TEMPO DE MARTIN HEIDEGGER**

*LETTER: FAITH AND SELF – AN APPROACH TO §64 OF “BEING AND TIME” BY MARTIN HEIDEGGER*

Romulo Pizzolante<sup>2</sup>

### **RESUMO**

Esta carta, *Fé e si mesmo*, é parte de um conjunto de textos filosóficos, a série: *Seres de um Dia*, endereçada à busca da compreensão da temporalidade própria e imprópria da cura apresentada por Martin Heidegger em *Ser e tempo*, e sua conjugação à disposição de descoberta e acolhimento do outro de si em si, como primordial para o pensamento da Fé. A carta, endereçada a um grupo de amigos teólogos e religiosos, se dispõe por aproximação circular em quatro movimentos: História concomitante de ser e não ser; Angústia e curadoria do outro em si; É a fé que nos alcança; Único em si mesmo. Palavras-chave: Fé. Angústia. Cuidado. Presença. Único.

---

<sup>1</sup> Ao modo de uma carta, o texto dá seguimento aos questionamentos de um grupo de amigos, teólogos e religiosos, que se encontram regularmente para acompanhar a leitura de obras contemporâneas.

<sup>2</sup> Doutor em Filosofia e pesquisador de Pós-Doutorado – Programa de Pós Graduação em Filosofia (PPGF) do Instituto de Filosofia e Ciências Sociais (IFCS), da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). *E-mail*: pizzolante@terra.com.br

## ABSTRACT

This letter “Faith and Self” is part of a set of philosophical texts, the series: “beings of a day”. It is addressed to the understanding of the temporality proper and improper of the care, presented by Martin Heidegger in “Being and Time”, and its conjugation with the disposition of discovery and acceptance of the other in the self, as cardinal for the thought of the Faith. The letter was sent to a group of theologian and religious friends. It is arranged by circular approximation into four movements: Simultaneous history of being and non-being; Anguish and care for the other; It is the Faith that reaches us; Unique in itself.

Keywords: Faith. Anguish. Care. Presence. Unique.

## INTRODUÇÃO

Esta carta é escrita e enviada com a disposição de aproximação à dinâmica de pensamento capaz de alcançar o existir em sua própria compreensão. O singular como realização da totalidade é a vida humana, em que o poder ser único é o mistério originário.

O homem encontra o outro em si e por si, mas só ao voltar-se para o outro de si, em sentido comunitário a si, é que alcança deixar vir a ser si mesmo.

“O si-mesmo só pode ser lido existencialmente no poder-ser si-mesmo em sentido próprio, ou seja, na propriedade de ser da presença **como cura**” (HEIDEGGER, 2006, §64, p. 406, grifo nosso).

### 1 FÉ E *SIMESMO*

A perda da **fé** coincide com a perda de **si mesmo**, ambas advêm da afirmação do **sujeito-eu-objetivado** ao logo da História de Ser.

O que motiva esse fugaz dizer-eu? A decadência da presença, em que ela foge de si mesma para o impessoal. O impessoalmente-si-mesmo fala “com naturalidade” eu. No “eu” pronuncia-se o si mesmo que eu, numa primeira aproximação e na maior parte das vezes, propriamente **não** sou. Ao empenhar-se na multiplicidade cotidiana e ao caçar as ocupações, o si-mesmo do eu-me-ocupo, esquecido de si, mostra-se como algo simples que se mantém constantemente igual, embora indeterminado e vazio. O impessoal, no entanto, é aquilo de que se ocupa.

Que o falar ôntica e “naturalmente” eu, passa por cima do conteúdo fenomenal da presença, significada no eu, isso **não justifica, de modo algum**, que a interpretação ontológica do eu **também passe por cima** e imponha um horizonte categorial inadequado à problemática do si-mesmo. (HEIDEGGER, 2006, p. 407, grifo nosso)<sup>3</sup>

Heidegger termina o parágrafo citado com uma frase que afirma a possibilidade de se interpretar o fenômeno do eu de modo próprio. Toda biografia tem dignidade e nobreza próprias e pode criativamente abrir compreensão do existir de cada um diante dos outros. O que aqui se busca destacar é que as biografias singularmente criativas reconhecem que já se encontram inseridas em dinâmica que as transcende e excede e, que há o risco de se perder a *si mesmo* no muito falar *eu-eu* promovido por biografias enrijecidas pelo já conquistado, já vivido, só passado. Esse enrijecimento acontece na maior parte das vezes, pois

---

<sup>3</sup> HEIDEGGER, Martin. **Ser e tempo**. Petrópolis: Vozes, 2006. §64, p. 407.

o homem tem a tendência de se embriagar com sua própria história junto ao mundo de suas ocupações e afazeres, a tendência de construir para si um ideal de eu mundano protegido, quando então se esquece do abissal de si mesmo, sempre renovadamente exposto a vir a ser. Inebriado com seu próprio eu como personagem já constituído e construído, o homem segue aumentando o risco de se afastar de si, a ponto de chegar a requisitar asseguração de vida eterna para seu eu. Pecado e heresia acontecem na vida dos homens promovidos pela recusa da condição finita! Por essa via de distorção, o homem pode chegar, por muitas atribulações, a acreditar ouvir nas **escrituras** a promessa de acolhimento a tal expectativa, o que acontece sempre quando toda a grandeza da fé já se perdeu.

## 2 HISTÓRIA CONCOMITANTE DE SER E NÃO SER

É possível encontrar vários tons para narrar histórias. Friedrich Wilhelm Nietzsche escreve em 1873 acerca **Da utilidade e desvantagem da história para a vida**, na *Segunda consideração intempestiva* (NIETZSCHE, 2010)<sup>4</sup>, e nos indica pelo menos três modos:

1. **Inventário de velharias** (“fui condenado e perdoado, mas fiquei apegado”): Há o risco de uma paralisia ao se considerar o passado como relíquia, que então se busca conservar e não gerar. Essa disposição recusa o futuro, e leva o narrador a ficar de fora da própria vida.
2. **Monumental** (“sou descendente do Condestável que era sobrinho de um Santo memorável”): Há o risco do olhar que embeleza, mente e ilude a si para ficar no passado, busca se esquecer de que não se é monumental, e se esquece de si.
3. **Crítica** (“abandonei os negócios pela metafísica e virei músico”): Há o risco de se acreditar poder combater o passado, vencer agruras e poder trocar o fraco pelo forte. Ao acreditar poder dominar sua história, o homem fica sem o que lhe é mais próprio.

Por todos esses os modos de narrar história, podemos cair nos percalços apontados, mas também podemos sim encontrar aí verdade no que somos, pois deixamos sempre algo em aberto, e é aí que estamos expostos ao que pode vir a ser como o mais próximo e íntimo de nós mesmos: abertos ao que nos advém – foi essa a disposição que percebi em todas as apresentações. Percebi uma clara primordialidade do futuro sobre o passado, perpassando todas as falas acerca das histórias pessoais vividas, como que, revelando uma disposição de entrega ao convívio, à espera do que ainda está por vir, em concordância, da qual participo!

---

<sup>4</sup> NIETZSCHE, Friedrich. **Segunda consideração intempestiva**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2003.

Essa disposição em abertura ao convívio é esperança de vida que já se realiza, vitalizando-se pelo que dela mesmo brota – **já veio aquele que vira!** Na Segunda Encíclica aos Tessalonicenses, São Paulo explicita a compreensão de Parusia como o acontecimento extraordinário, em que a História de Ser se desvela na própria presença do existir da vida de um homem, renovada cada vez na vida de todos os homens. “**A presença é sempre minha**”, afirma Heidegger em seu tratado *Ser e tempo* (HEIDEGGER, 2006), publicado em 1927. O desafio está em compreender nossa própria história aberta ao porvir.

### 3 ANGÚSTIA E CURADORIA DO OUTRO EM SI

A angústia nos arranca do mundo ordenado, nos arrasta ao abandono, nos arrasa pela dor e nos ilumina ao mesmo tempo, pois a angústia nos deixa claro que o medo da morte brota do medo da vida. O que ameaça vem do que é e está vivo, o risco de contaminação é pelo vivo, o perigo de transformação vem da vida que brota livremente, de modo surpreendente em qualquer tempo e lugar.

Atravessar a angústia significa abrir mão de explicações fáceis para o existir da vida na vida dos homens e recusar promessas simplificadoras. Atravessar a angústia significa se deparar com a urgência de precisar escapar de distorções, desvios e tentativas vãs de asseguramento e controle do viver, o que tantas vezes é proposto, como se fosse possível estipular linearidade entre causa e efeito para o existir da vida na vida dos homens. A vida não segue a lógica de nenhum sistema causal que pudesse antecipar seu livre devir, não há um sistema, por mais lógico ou não, que pudesse precaver os homens dos percalços de existir. O homem não escapa de precisar viver e morrer para vir a ser quem é. Angústia é disposição originária que expõe o homem à urgência de agir para vir a ser, à urgência de precisar cuidar de seus próprios gestos, pensamentos e palavras, atos e omissões para existir em concordância com o outro em si.

A angústia é o fenômeno existencial que singulariza o homem. Pela angústia o homem compreende que não pode tomar a dor de outro sob si e nem esperar que outro tome a sua. Pela angústia o homem assume que sua morte é singular, alcança até mesmo dar sua vida pela vida de outro, mas não pode morrer a morte de outro e vice-versa. Para Heidegger, a angústia é disposição originária:

Só na angústia subsiste a possibilidade de uma abertura privilegiada uma vez que ela singulariza. Essa singularização retira a presença de sua decadência, revelando-lhe a propriedade e impropriedade como possibilidades de seu ser. Na angústia, essas possibilidades fundamentais da presença, que é sempre minha, mostram-se como elas são em si mesmas, sem se deixar desfigurar pelo ente intra-

mundano, a que, numa primeira aproximação e na maior parte das vezes a presença se atém. (HEIDEGGER, 2006, p. 257)<sup>5</sup>

#### 4 É A FÉ QUE NOS ALCANÇA

Elencar experiências de sabor e saber – passadas, presentes ou futuras –, não dá ao homem o alcance do **olhar** pelo longínquo, a **visada** que descerra horizontes de possibilidades para o existir, o **ver** que alarga fronteiras e expõe cada um ao outro de si mesmo em si mesmo. A experiência radical de vida, a vida ela mesma e o vigor de existir, é o que ensina diretamente o Crucificado, através da provocação de um oximoro de tal modo extraordinário, que desde seu extremo revelado, retumba por todos os seres e tempos: vida e morte num mesmo átimo, numa copertinência tal que sua composição e compreensão já nos envolve imediatamente na abertura da graça da criatividade própria e singular. O “escândalo da cruz” revela por um paradoxo complexo e complicado a positividade simples da morte para a vida, em que a finitude é responsável pela própria abertura da possibilidade de criatividade no existir da vida humana, por infinito mistério divino. A simples possibilidade de existência de um indivíduo singular acontece como tributária da morte. Por ser mortal é que o homem pode ser em sentido próprio, único.

Fé é confiança na vida recebida como doação sobre a qual o homem não decide existir. Pelo pensamento da fé o homem acolhe o mistério de sua condição e origem e escolhe apenas o modo de seu acolhimento. O como cuida do mistério de ser em sentido próprio ou impróprio é que lhe confere perfil. Pelo pensamento da fé o homem não busca para si determinações, mas elabora o sentido finito de seu existir por dinâmica infinita, dinâmica que o ultrapassa e lhe sobrevém. **Finitude não diz primariamente término. Finitude é um caráter da própria temporalização**<sup>6</sup>

O testemunho, que de si mesma dá a Fé, pertence à própria Fé. Neste testemunho, a maneira de se estar na crença não provém de uma simples escolha nem resulta do esforço de uma conquista. É um dom da própria Fé. A Fé do cristão é graça e não preferência. A Fé na “loucura da cruz” inclui em si tanto um conteúdo, como um processo todo próprio. O consentimento já é em si mesmo Fé e dádiva de misericórdia. O cristão é o homem em quem Cristo vive e a quem é dado ser testemunho vivo do próprio Cristo. Fé não é ideologia. É transformação do modo

<sup>5</sup> HEIDEGGER, Martin. **Ser e tempo...** Op. cit... §40, p. 257.

<sup>6</sup> Ibidem, §65, p. 415.

de pensar, de sentir, de agir, uma verdadeira *metanoia*. Por isso, para o cristão, todo não cristão nunca é o inimigo, o adversário ou mesmo o estranho. É o irmão virtual que o Sangue Redentor de Cristo já salvou na cruz. (LEÃO, 2008)<sup>7</sup>

Fé é confiança no mistério de existir. Confiar em português aparece como verbo bitransitivo – **confia-se algo a alguém**. Mas, pela experiência da fé, o verbo confiar precisa ser conjugado mantendo em suspensão os polos de sua bitransitividade, assim, **confia-se algo a alguém**, mas, sabendo nada acerca do **algo** a ser confiado e nada acerca do **alguém** a quem confiar, ficando-se apenas com o confiar, em suspensão. O bitransitivo transforma-se em intransitivo. A confiança exigida pela adesão ao Cristo retira sua força do abandono. A fé em Cristo retira sua força da finitude que nos constitui como humanos, e a vê como propiciadora do infinito aberto.

A fé precisa renovadamente retornar para que os homens se encontrem, pois não são os homens que têm ou detém a fé, mas ao contrário. Pelo pensamento da fé o homem encontra sentido para seu próprio existir por um modo de transbordamento direto de sentido, que envolve e enlaça todos que são em sua dinâmica inseridos e por sua dinâmica imersos, o que acontece pela vigência na própria presença de cada um, da evidência do comum-**pertencer**, de todos em cada um, aos confins de ser e não ser.

A perda de fé e a perda de si mesmo coincidem na e pela afirmação do sujeito eu estabelecido e objetivado. Ao buscar afirmar-se pelas ocupações junto ao mundo dos afazeres, o homem se esquece do nada de si mesmo, se esquece de si. Esquecido do nada de si mesmo, o homem vive sem fé em nada, e nada cria a partir de si mesmo. De outro modo, o nada criativo irrompe como a abertura à possibilidade de cuidar de ser em sentido próprio por articulação de fé no nada de si mesmo, pois a criatividade humana irrompe por uma disposição de confiança no acolhimento radical da própria finitude, compreendida como a condição primordial de existir, diante da qual a experiência da angústia prepara a disposição do cuidado de ser todo no singular.

## 5 ÚNICO EM SI MESMO

Pelo ensinamento de Cristo crucificado, morto e ressuscitado, é pela entrega ao sacrifício do eu que o homem vem a ser si mesmo, reencarnado cada vez, por essa mesma dinâmica que se oferece como redenção ao ser revelada para os homens como o próprio percurso humano, em que para cada um se desvela ser finito na infinitude de si mesmo. A sentença máxima da redenção cristã convoca os homens a alcançar

---

<sup>7</sup> LEÃO, Emmanuel Carneiro. O pensamento na religião. In: \_\_\_\_\_. **Aprendendo a pensar**. Teresópolis: Daimon, 2008.

**dar a vida pela vida de outro** como o que propriamente vitaliza. Essa sentença porta a mesma temporalidade extraordinária e sentido que podem ser escutados nos versos de Píndaro, no século VI a.C – **vem a ser o que tu és aprendendo com a vida** (PINDARE, 1990)<sup>8</sup>.

O fio de identidade de **si mesmo**, que, como singulares humanos, acreditamos trazer conosco e que pode ser entrevisto ao longo de uma vida de homem, não se deve a fatos e feitos realizados ou concretamente registrados, mas ao modo singular com que cada um se dispõe pela abertura ao aberto, ao desconhecido, ao encoberto, ao estranho, ao outro, ao por-vir. O modo como cada singular se dirige ao que está por vir é que dá identidade ao indivíduo singular humano, identidade que acontece por inclusão de igualdades e diferenças em tensão aberta a vir a ser em devir. A identidade singular de **si mesmo** permanece como mistério em suspensão, sem ter quem e o que a suspenda, tal como a vitalidade da vida impulsiona-se a si mesma pelo porvir. História de Ser é sempre cada vez porvindoura, por já se encontrar realizando-se na realidade da vida dos homens em toda sua realeza.

“οὐκ ἐμοῦ, ἀλλὰ τοῦ λόγου ἀκούσαντας ὁμολογεῖν σοφόν ἐστὶν ἐν πάντα εἶναι”

**Não a mim, mas auscultar ao logos é concordar com o sabor de ser único** HERÁCLITO, 50 DK)<sup>9</sup>.

A curadoria de si é o próprio cuidado com a vida da morte presente em todo o existir em que o homem vem à presença, podendo neste percurso conquistar para si finitamente um eu, que surge cada vez pelas próprias mãos que lidam com o necessário e urgente. O eu pode ser compreendido como o que permanece determinado por fatos e feitos já percorridos, enquanto a compreensão de si mesmo remete para o acontecer do poder ser si mesmo, sempre em aberto, advindo cada vez através da própria curadoria de si, porvindouramente. O poder ser si mesmo se ergue e se desenvolve pelo cuidado com o outro em si e ao outro de si, como o próprio gesto inaugural, por criatividade própria, singular por comunitária. Por esta circularidade virtuosa, o homem advém da própria medida do alcance de seu cuidado com o outro em si: pelo alcance de suas próprias mãos estendidas para doar e receber. O homem é diretamente como cuida e se descuida de ser.

O eterno em mim não parte da ideia do eu subjetivo e objetivado tal qual um personagem já elaborado, mas eterno em mim é a vida em si mesma, em concordância por conjugação misteriosa entre singularidade e totalidade. A composição

---

<sup>8</sup> PINDARE. **Oeuvres Complètes**. Paris: Éditions de la Différence, 1990. *II Ode Pitica*, epodo 3, v. 72, p. 166/167.

<sup>9</sup> HERÁCLITO. Fragmento 50 DK. Biblioteca Augustana. Disponível em: <<http://www.hs-augsburg.de/~harsch/augustana.html>>. Tradução livre.

extraordinária da **vida no singular** com **o todo da vitalidade da vida** é o mistério do único, como o eterno em si mesmo em mim.

Ἐν πάντα<sup>10</sup> – totalidade unitária – único.

Nós podemos sempre de novo aprender com São Paulo que a promessa de redenção cristã não nos isenta de precisar percorrer a dor nas atribulações e a angústia nas aflições para que a sede de viver nos devolva cada vez o brilho de vida e morte em todo existir, sempre urgente. A redenção cristã não nos retira da angústia da ameaça da morte na vida para nos transferir a um estado de beatitude mística, e muito menos nos oferece a promessa de vida sem morte, mas, apenas e imensamente, devolve-nos o dia, cada um, por pura graça concedida. Por essa graça, a vida ela mesma, pode ser recebida cada vez como única, quando então o homem se realiza em sua humanidade criativamente de modo próprio, ao alcançar doar a outro o que ele mesmo não tem: o homem pode dar voz ao outro através de sua própria escuta. Deixar ser o outro também significa entrega como a disposição de deixar-se transformar livremente.

E podemos sempre ainda perguntar: o que quer dizer tudo isso? Como fica minha vida de fato e diretamente considerada em questão no que diz respeito ao seu próprio vigor? São perguntas que se renovam ao serem respondidas. A compreensão de Deus Único para os hebreus e renovadamente desvelada para os cristãos – **sou**<sup>11</sup> – encontra a eternidade divina diretamente no que somos como o que é único. Por esse mesmo desvelar de sentido de ser único, o homem encontra seus gestos mais simples, descobre o mais próximo, medita sobre o que parecia óbvio, depara-se com o que está ao alcance e ao não alcance de suas próprias mãos e cria para si modos próprios de existir. É por essa mesma via que o homem pode acolher o longínquo em si e se reconhecer por dinâmica que o excede, isto é, que o homem pode reconhecer que ele mesmo não decide a partir de si pelo que primordial e essencialmente em si mesmo já é: finito na infinitude do único. A composição simples de uno e múltiplo, de totalidade e singularidade pelo que é único, revela a identidade humana singular como o mistério divino, infinito e eterno do acontecer.

**Trazemos porém esse tesouro em vasos de barro, para que este poder extraordinário seja atribuído a Deus e não a nós** (2Cor. 4.7).

O homem encontra o outro em si e por si, mas só ao voltar-se para o outro de si em sentido comunitário a si é que alcança deixar vir a ser si mesmo, abrindo-se-lhe assim, a possibilidade de dizer “eu”, como um modo de dizer a todos e a cada um: “Obrigado”!

*Romulo Pizzolante*

Rio de Janeiro, 15 de setembro de 2017.

<sup>10</sup> Ibidem. Tradução livre.

<sup>11</sup> BÍBLIA SAGRADA. Tradução de Ludovico Garmus et al. Petrópolis: Vozes, 2012. Ex. 3.14; 1Co. 15.10.

## REFERÊNCIAS

BÍBLIA SAGRADA. Tradução de Ludovico Garmus et al. 51. ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

HEIDEGGER, M. **Die Kategorien und Bedeutungslehre des Duns Scotus**. Frankfurt am Main: Vittorio Klostermann, 1978.

\_\_\_\_\_. **Fenomenologia da vida religiosa**. Petrópolis: Vozes, 2009.

\_\_\_\_\_. **Ser e tempo**. Petrópolis: Vozes, 2006.

LEÃO, E. C. **Aprendendo a pensar**. Teresópolis: Daimon, 2008.

NIETZSCHE, F. **Segunda consideração intempestiva**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2003.